

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CAMINHOS E APRENDIZADOS¹

Alexandra Maria de ANDRADE ²
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
alexandra.andrade@prof.ce.gov.br

RESUMO: Debater sobre alfabetização e letramento é uma tarefa fundamental, considerando a relevância desses temas no contexto escolar. Por isso, é urgente buscar uma fundamentação teórica que subsidie nossa prática docente, uma vez que a escola deve proporcionar condições para que o aluno desenvolva a leitura e a escrita de forma eficiente e eficaz. Nessa direção, este artigo busca discutir as questões centrais relacionadas à alfabetização e ao letramento, por meio de uma pesquisa bibliográfica de abordagem acadêmica, que consistiu na análise e revisão de fontes acadêmicas relevantes sobre o tema, com base nas contribuições de teóricos como Soares (2020), Kleiman (2005), Koch (2010), entre outros autores que trabalham a mesma temática. Com base nas discussões, ficou elucidado que essas duas temáticas, embora sejam processos distintos, estão intimamente relacionados e devem ocorrer de forma integrada. A alfabetização refere-se ao aprendizado das habilidades de leitura e escrita, enquanto o letramento está mais voltado para o uso da língua em diferentes contextos sociais. Nesse sentido, é fundamental compreender as diferenças entre os dois conceitos, reconhecendo as particularidades de cada um, a fim de evitar equívocos entre suas funções e significados.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização, letramento, aprendizagem.

LITERACY AND LITERACY: PATHS AND LEARNING

ABSTRACT: Debating the first steps of the school years basic skills acquisition and the more sophisticated critical thinking literacy skills is a fundamental task, considering the relevance of these themes in the school context. Therefore, it is urgent to seek a theoretical foundation that supports our teaching practice, since the school must provide conditions for students to develop reading and writing efficiently and effectively. Therefore, this article seeks to discuss the central issues related to the acquisition of the ability to read and write and the wider critical skills of literacy, through bibliographical research of the qualitative approach, which consisted of the analysis and review of relevant academic sources on the topic, based on the contributions of theorists, such as Soares (2020), Kleiman (2005), Koch (2010), among others. Although these two themes are distinct processes, it is necessary to

¹ Este artigo apresenta um recorte da pesquisa de mestrado defendida no ano de 2024.

² Mestra em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Professora de Língua Portuguesa do Centro de Educação de Jovens e Adultos Gov. Luiz Gonzaga da Fonseca Mota. Iguatu – CE.

clarify that they are closely related and must occur in an integrated manner. Literacy refers to learning reading and writing skills, while the broader skills of literacy in its social understanding aspects is more focused on the use of language in different social contexts. In this sense, it is essential to understand the differences between the two concepts, recognizing the particularities of each one, in order to avoid misunderstandings between their functions and meanings.

KEY-WORDS: Basic literacy skills, literacy, learning.

INTRODUÇÃO

Tratar da alfabetização e do letramento é uma tarefa fundamental, considerando a relevância desses processos no desenvolvimento educacional e social. Por isso, é urgente buscar uma sustentação teórica consistente que embase as práticas pedagógicas, de forma que possamos encontrar condições adequadas para que os alunos desenvolvam suas habilidades de leitura e escrita de maneira eficiente e significativa.

Ao tratar das habilidades de leitura e escrita, é necessário reconhecer que, embora representem processos distintos, alfabetização e letramento estão profundamente interligados e devem ser trabalhados de forma integrada. A alfabetização refere-se ao aprendizado técnico das habilidades de leitura e escrita, enquanto o letramento está relacionado ao uso desses conhecimentos em práticas sociais e culturais. Assim, compreender as diferenças e inter-relações entre esses dois conceitos é essencial para evitar confusões sobre suas funções e significados no processo de ensino-aprendizagem.

Para esta pesquisa, adotou-se uma abordagem bibliográfica, com o objetivo de explorar e sistematizar as definições e abordagens teóricas que em que permeiam os conceitos de alfabetização e letramento. Essa metodologia permite identificar, organizar e discutir as diferenças e complementaridades entre essas duas concepções, analisando como

cada autor concebe e articula os conceitos no contexto das práticas educativas em que se situam o fazer pedagógico da autora.

A escolha pela pesquisa bibliográfica justifica-se pela necessidade de compreender a complexidade e a amplitude dos conceitos de alfabetização e letramento, que possuem implicações diretas nas práticas pedagógicas, especialmente no cenário da EJA. Para isso, foram selecionados autores representativos no campo da educação, cujas contribuições teóricas oferecem perspectivas diversificadas e enriquecedoras sobre o tema. Esse aprofundamento teórico é essencial para ancorar as reflexões e propostas apresentadas, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas mais eficazes e contextualizadas.

Nesse direcionamento, foi possível investigar e sistematizar o conhecimento já produzido na área, de forma a esclarecer as distinções e inter-relações entre alfabetização e letramento. Por meio de uma abordagem qualitativa, identificamos as principais contribuições teóricas sobre os conceitos de alfabetização e letramento, assim como suas implicações para as práticas pedagógicas. A escolha por uma abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de explorar a compreensão dos dois fenômenos em suas complexidades e de contextualizar as práticas educacionais no cenário específico das escolas. Como defende Minayo (1995, p. 21-22), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito peculiares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Além disso, essa abordagem permite identificar e analisar as nuances das práticas de ensino que, muitas vezes, não são captadas por métodos quantitativos. Para tanto, utilizou-se de obras de autores reconhecidos no campo da Educação.

Sobre alfabetização e letramento, destacamos: Soares (2020) que fornece uma base conceitual sólida ao abordar alfabetização e letramento como processos complementares e interdependentes, enfatizando suas dimensões sociais e práticas; Rojo (2009) que

aprofunda a discussão, ao destacar as práticas sociais de leitura e de escrita como elementos centrais do letramento, conectando-os ao contexto cultural dos alunos; e Koch (2010) que contribui com uma visão linguística, ao discutir os processos de produção e compreensão de textos, relacionando-os às práticas pedagógicas.

Acerca das práticas pedagógicas, Moratti (2000) traz reflexões importantes sobre a aplicação desses conceitos no contexto da EJA, enfatizando a necessidade de estratégias adaptadas às especificidades desse público. Leal (2006), por sua vez, aborda as práticas pedagógicas no ensino da leitura e da escrita, enfatizando o papel do professor enquanto mediador no processo de letramento e alfabetização.

Embora esses conceitos sejam amplamente discutidos por pesquisadores e educadores, é essencial que, no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), eles sejam apresentados de forma clara e acessível aos professores que trabalham com esse público. Os alunos da EJA, além de experiências e conhecimento de mundo, trazem lacunas educacionais que demandam abordagens didáticas e contextualizadas, para o entendimento e aplicabilidade dos conceitos formais a suas realidades.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DISCUSSÃO TEÓRICA

No contexto das discussões sobre alfabetização e letramento, é fundamental compreender que, embora esses processos estejam interligados, eles possuem especificidades que precisam ser analisadas com cuidado. Nesse aspecto, sobre alfabetização e letramento, Soares (2020, p. 43) esclarece que:

Não são processos independentes, mas interdependentes e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de letramento, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonemas, isto é, em dependência da alfabetização.

Nesse sentido, a sociedade atual, cada vez mais grafocêntrica, exige que seus falantes saibam usar a língua escrita de maneira eficaz, seja para a comunicação no ambiente de trabalho, seja para a interação social no dia a dia. Isso implica uma competência em letramento, conforme Soares (2020, p. 112), que destaca o índice de letramento de um grupo social como um dos indicadores básicos do progresso de uma sociedade. Nesse sentido, a escolarização não pode se limitar à alfabetização técnica, mas precisa englobar a preparação dos alunos para usar a escrita de maneira significativa nas diversas práticas sociais que envolvem a língua. Como aponta Koch (2010, p. 31), “a escrita se generalizou e se tornou um meio indispensável para a comunicação, o trabalho e a gestão da vida pessoal”.

É nesse cenário que o conceito de letramento ganha relevância, especialmente com os avanços tecnológicos e com a crescente necessidade de competência escrita para a participação social. O letramento não se resume tão somente à habilidade de reconhecer e escrever símbolos, mas envolve a capacidade de compreender e produzir textos adequados aos diferentes contextos sociais. Assim, alfabetizar e letrar não são práticas dissociadas, mas devem caminhar juntas, pois a alfabetização prepara o indivíduo para o letramento, tornando-o capaz de interagir com as diversas formas de escrita que a sociedade exige.

Vale destacar que, segundo Rojo (2009), um indivíduo é considerado alfabetizado quando se apropria das habilidades de ler, escrever e compreender textos, além de saber reconhecer os aspectos relativos ao código alfabético. Esse código está presente em nosso cotidiano, uma vez que vivemos em uma sociedade grafocêntrica, ou seja, uma sociedade centrada na imagem gráfica, na qual a leitura e a escrita são instrumentos essenciais para a participação na vida social. Contudo, a presença marcante da grafia não implica que todos compreendam seu valor e saibam utilizá-la de forma adequada nas diferentes situações

sociais. Já o termo "letrado", conforme Soares (2020), refere-se àqueles que, além de possuírem as habilidades de leitura e escrita, sabem aplicá-las de forma eficiente em contextos do dia a dia.

Assim, é fundamental compreender a diferença entre os conceitos de letramento e alfabetização, reconhecendo que cada um desses termos possui suas particularidades. Isso evita a confusão sobre a função e o significado de ambos. É importante ressaltar que a alfabetização deve ocorrer em sintonia com o letramento, pois é essencial que os alunos sejam alfabetizados levando em consideração as práticas de letramento. Para tanto, é necessário desenvolver, por meio de atividades de leitura e de interpretação de textos de diferentes gêneros, as habilidades de leitura e de escrita que permitam o aluno participar ativamente no contexto em que está inserido.

Nesse contexto, Soares (2020) destaca que uma das etapas mais importantes no processo de escolarização é a alfabetização, pois é nesse momento que o indivíduo desenvolve a aptidão para a leitura e a escrita, compreendendo e decifrando o mecanismo da escrita. Conceituar a palavra "alfabetização" implica um processo contínuo, já bastante debatido, mas que sempre merece ser ressaltado, pois a alfabetização é uma atividade permanente, que se estende por toda a vida.

Comumente, entende-se que alfabetizar se resume ao ensino dos símbolos gráficos, mas é fundamental aprofundar o conhecimento sobre o significado de ler e escrever. A palavra "ler", segundo o Dicionário On-line *Priberman* (2008-2021), é definida como: "(do latim *legere*, juntar, reunir, apanhar, ler) – verbo transitivo e intransitivo – interpretar o que está escrito; proceder à leitura." Nesse sentido, Rojo (2009, p. 75) afirma que "ler envolve diversos procedimentos e capacidades (perceptuais, motoras, cognitivas, afetivas, sociais, discursivas, linguísticas), todas dependentes da situação e das finalidades de leitura."

No que diz respeito à alfabetização, ela chega à sala de aula por meio da criação de diferentes métodos, como os silábicos e os fônicos. O material utilizado para o desenvolvimento desses métodos era denominado *cartilha*, que foi amplamente empregado como recurso didático nas escolas, especialmente no final do século XIX. Segundo Cagliari (1999, p. 75), “a palavra cartilha está relacionada com carta. O sentido atribuído a ela é o de orientação, uma espécie de mapa.” Embora tenha sido um método amplamente criticado, para Mortatti (2000), o uso das cartilhas fez parte do material didático das escolas e, por um longo período, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, desempenhou um papel central no processo de alfabetização. Com o avanço desse movimento de escolarização e das normatizações sobre o ensino, a utilização de material didático tornou-se cada vez mais necessária. Por sua vez, nas palavras de Mortatti (2000, p. 2), “surge a cartilha, na qual se encontram o método a ser seguido e o conteúdo a ser ensinado, de acordo com um programa oficial previamente estabelecido”. Esse material, com leituras restritas, geralmente começava com palavras-chave, em sua maioria substantivos, e enfatizava os métodos de fonação e soletração. A principal finalidade desses materiais pedagógicos era, e ainda é, orientar o ensino por meio de esquemas. No entanto, esse tipo de abordagem abrange apenas o nível superficial da linguagem.

Para Soares (2020), a aquisição do código escrito envolve o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao domínio da escrita, da leitura e da compreensão da relação entre grafemas e fonemas. Assim, podemos entender que o processo de alfabetização, enquanto ação, é um método que vai além da simples decodificação dos símbolos gráficos.

Uma das palavras diretamente associadas ao processo de alfabetização é, sem dúvida, “alfabeto”. Para Higounet (2003, p. 59), o alfabeto pode ser conceituado como “um sistema de sinais que exprimem os sons elementares da linguagem”. De acordo com o autor, a origem do vocábulo remete ao latim. Higounet (2003, p. 59) esclarece que

'alphabetum' é formado a partir dos nomes das duas primeiras letras do alfabeto grego, respectivamente alpha e beta, que já haviam sido adotadas das línguas semíticas.

O alfabeto, portanto, pode ser entendido como um conjunto de letras e outros sinais gráficos que servem de base para a nossa escrita. Todas as fases do processo de alfabetização giram em torno dele. Para compreender esse sistema de escrita, é necessário desenvolver estratégias específicas, pois alfabetizar implica aprender tanto a codificar quanto a decodificar, uma vez que a escrita é uma convenção, ou seja, um acordo estabelecido entre dois ou mais indivíduos. Segundo Soares (2020), atribuir um significado mais restrito ao processo de alfabetização seria reduzir sua complexidade. Nessa perspectiva, ainda conforme a autora, o ato de alfabetizar envolve a habilidade de transferir a linguagem oral para a escrita (escrever) e de traduzir a escrita de volta para a oralidade (ler). Assim, as ações de leitura e escrita exigem o domínio da técnica da língua escrita.

A prática de ensino, conforme Soares (2020), na década de 1980, estava centrada em duas vertentes principais: “codificação” e “decodificação”. A partir desse momento, o ensino da leitura e escrita passou a se concentrar no desenvolvimento dessas duas habilidades. O material didático-pedagógico, desenvolvido a partir dessa premissa, enfatizava a fixação de sílabas, vocábulos e frases soltas, sendo, no entanto, severamente criticado. Com o passar dos anos, essas abordagens se tornaram cada vez mais relevantes, pois a alfabetização é um processo amplo e complexo, que envolve e integra os aspectos linguísticos, psicolinguísticos e sociolinguísticos. Conforme Soares (2020, p. 21), a alfabetização é um “fenômeno de múltiplas facetas”. Além da apropriação do código escrito em si, existe a questão de que a aprendizagem ocorre no contexto em que o indivíduo está inserido. Nesse sentido, o ato de alfabetizar se configura como um processo amplo e complexo. A alfabetização, portanto, é fundamental para cada pessoa, pois esse

processo não implica apenas mudanças individuais, mas também provoca transformações que impactam diretamente a sociedade.

Em síntese, uma definição coerente de alfabetização deve considerar que se trata de um processo abrangente, que envolve abordagens técnicas do ato de ler e escrever, com ênfase na língua escrita como meio de expressão e compreensão. Essa definição também reconhece as especificidades da língua escrita em relação à oralidade, além de exigir que o professor alfabetizador tenha um preparo que o capacite a compreender as nuances psicológicas, psicolinguísticas, sociolinguísticas e linguísticas, assim como os condicionantes sociais, culturais e políticos que permeiam o processo de alfabetização.

Com o passar do tempo, os conhecimentos sobre o processo de ler e escrever — ou seja, codificar e decodificar — deixaram de ser suficientes. Tornou-se indispensável que essa prática fosse além do simples ato de ler e escrever, pois era necessário suprir novas necessidades e significações. Essas demandas surgiram em função da vida social e das atividades de uma sociedade em constante transformação, que exigiam uma dependência crescente da língua escrita e de suas aplicabilidades. Nesse novo contexto, não bastava que um indivíduo dominasse apenas o sistema alfabético e ortográfico, ou que fosse simplesmente alfabetizado. Com essas novas definições, especialmente a partir da década de 1990, surgiu uma nova expressão: o letramento. Na perspectiva de Soares (2020, p. 50), o letramento é “o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais, e necessário para uma participação ativa e competente na cultura escrita”.

Sobre essa ótica, vale ressaltar que os primeiros estudos sobre práticas sociais que exercem a leitura e a escrita realizadas no Brasil, foram trazidos pela autora Mary Kato em meados dos anos 1980. Em sua obra intitulada *No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística* (1986), a autora destaca quais parâmetros de ordem psicolinguística estão

incluídos na aprendizagem da linguagem da escola. Nesta obra, Kato destaca que o termo “letramento” está direcionado à formação de cidadãos capazes de usar a linguagem escrita para sua própria condição de cognição e atender também a demanda da sociedade que prioriza a língua padrão, ou seja, que sejam letrados. Segundo Kato (1986, p. 7),

A função da escola, na área da linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação. Acredito ainda que a chamada norma padrão, ou língua falada culta, é consequência do letramento, motivo por que, indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita.

No entanto, para alcançar o letramento nos moldes propostos pela autora, o aluno não pode ser alfabetizado por meio de expressões soltas e sem sentido. O ideal é que o processo ocorra de forma contextualizada, por meio de textos que se relacionem com a realidade de vida do aluno, ou seja, que estejam repletos de significados. É necessário, portanto, adotar práticas que repensem as metodologias que dissociam a realidade do aluno de seu aprendizado. Como afirma Leal (2006, p. 83),

Alfabetizar letrando é um desafio permanente. Implica refletir sobre as práticas e as concepções por nós adotadas ao iniciarmos nossas crianças e nossos adolescentes no mundo da escrita, analisarmos e recriarmos nossas metodologias de ensino, a fim de garantir, o mais cedo e da forma mais eficaz possível, esse duplo direito: de não apenas ler e registrar autonomamente palavras numa escrita alfabética, mas de poder ler-compreender e produzir os textos que compartilhamos socialmente como cidadãos.

Compreende-se, com base na citação, que o termo “letramento” surgiu da necessidade de adotar uma nova perspectiva sobre a escrita, voltada para suas funções sociais. De acordo com Rojo (2009, p. 98), “o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolve a escrita de uma ou de outra maneira”. Diante dessas transformações, a nova sociedade exige indivíduos letrados, capazes de aplicar

múltiplas habilidades de leitura e escrita nas práticas cotidianas, ou seja, no nível de letramento.

Diante do exposto, podemos perceber que há uma diferença entre ser alfabetizado e ser letrado, sendo fundamental integrar essas duas vertentes em prol de uma abordagem mais eficaz de ensino. Segundo Soares (2020, p. 45), é considerado letrado "o indivíduo que domina um sistema convencional de escrita no qual aprendeu a ler e a escrever". Nesse sentido, Rojo (2009, p. 44) define o alfabetizado como "o aprendiz que conhece o alfabeto e a mecânica da escrita/leitura". Para Solé (1998), um marco fundamental para que um sujeito seja considerado alfabetizado é a aquisição das habilidades de decodificação. Por outro lado, Kleiman (2005, p. 10) afirma que "letramento envolve a imersão da criança, do jovem ou do adulto no mundo da escrita".

Ainda nesse contexto, Soares (2004, p. 47) afirma que "existem dois fenômenos envolvidos no letramento: a leitura e a escrita". Nesse sentido, o ato de ler consiste em colocar em prática a habilidade de decodificar a língua, um processo que pode ocorrer desde a leitura de um bilhete até a interpretação de um texto mais complexo. A escrita, por sua vez, é uma habilidade multifacetada, que vai desde uma simples lista de supermercado até a produção de um artigo científico. Diante disso, é possível concluir que existem diferentes tipos de letramento, os quais variam de acordo com as demandas dos sujeitos e com o contexto social e cultural em que estão inseridos.

Esses eventos sociais também são abordados por Kleiman (1998, p. 181), que define "letramento" como "as práticas e eventos relacionados ao uso, função e impacto social da escrita". Para essas autoras, é possível concluir que o núcleo do conceito de letramento vai além da simples aquisição da escrita e do domínio de seu código (alfabetização). Em outras palavras, saber apenas ler não é suficiente.

Em texto posterior, Soares (2020, p. 145) reafirma essas concepções de letramento, entendendo-o para além da alfabetização e referindo-se aos eventos de letramento como: “[...] o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação – os eventos de letramento”.

Com base no exposto, essas definições sugerem que o letramento condiciona o indivíduo a uma condição de inserção no mundo das letras. Sabe-se que essa inserção no universo letrado vai além do simples uso social da leitura e da escrita. Assim, surge para a escola uma dupla demanda: é necessário abordar a língua tanto como objeto de reflexão quanto como artefato cultural, o que exige posturas e metodologias específicas. Conseqüentemente, a linguagem é constitutiva do sujeito e, por isso, essencial no cotidiano escolar. Nas palavras de Vygotsky (1993), a linguagem é uma das ferramentas fundamentais inventadas pelo ser humano, com o objetivo principal de promover o intercâmbio social, pois, para se comunicar, o indivíduo cria e utiliza sistemas de linguagem. Nessa perspectiva, é urgente que a escola prepare seus alunos para leituras mais complexas, especialmente aquelas pertencentes à esfera literária. Para alcançar esse objetivo, é necessário que os sujeitos utilizem a escrita em diferentes situações sociais, apropriando-se dos novos usos que surgirem, ou seja, dos multiletramentos.

CONCLUSÕES

As discussões apresentadas ao longo deste trabalho apontam, em primeiro lugar, para a importância de uma prática docente reflexiva como instrumento para promover mudanças significativas na educação. No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), essa reflexão é ainda mais urgente, considerando as especificidades desse público,

que reúne sujeitos com trajetórias marcadas por interrupções educacionais e que demandam abordagens pedagógicas adaptadas às suas realidades sociais, culturais e econômicas.

A abordagem realizada, por meio da pesquisa bibliográfica, destacou que o letramento e a alfabetização, embora distintos em suas definições, são processos que se entrecruzam e considerados essenciais para a formação de cidadãos críticos. Na EJA, o desenvolvimento dessas habilidades contribui diretamente para a autonomia dos alunos, capacitando-os a interagir de forma mais plena com a sociedade, seja na leitura e interpretação do mundo, seja na produção de textos que reflitam suas experiências e identidades.

Além disso, no que se refere aos profissionais da área, este estudo reforça que a formação inicial, embora importante, não é suficiente para responder às demandas específicas da prática pedagógica na EJA. É essencial que os professores busquem formação constante, especialmente sobre temas como letramento crítico, multiletramentos e letramento literário. Esses enfoques ampliam o alcance do trabalho docente, permitindo que ele atenda tanto às necessidades educacionais quanto às demandas sociais e culturais dos alunos.

Ainda no contexto da EJA, o ensino de textos literários desempenha um papel estratégico, uma vez que a literatura possibilita diálogos entre a realidade dos estudantes e os universos narrativos, promovendo um letramento literário que valoriza a subjetividade e a expressão crítica. No entanto, a ausência de diretrizes claras nos documentos oficiais para esse trabalho exige dos professores criatividade e engajamento em formações continuadas e eventos acadêmicos, que lhes permitam aprimorar suas estratégias pedagógicas.

Por fim, este trabalho reforça que a reflexão contínua sobre a prática pedagógica, aliada ao compromisso com a formação continuada, é fundamental para que os professores

da EJA possam atuar de forma relevante e transformadora. A pesquisa bibliográfica realizada ofereceu subsídios teóricos significativos para a compreensão das questões abordadas, contribuindo para a construção de um fazer docente mais alinhado às demandas contemporâneas e às necessidades dos alunos da EJA.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & linguística**. São Paulo: Scipione, 2011.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. Tradução Marcos Marcionilo. 1. ed. Parábola, 2003.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, A. B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Campinas: CEFIEL/IEL/UNICAMP, 2005. (Coleção Linguagem e Letramento em foco).

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1998.

KOCK, I. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LEAL, Telma Ferraz. A aprendizagem dos princípios básicos do sistema alfabético: por que é importante sistematizar o ensino? In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). **Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva do letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MINAYO, M. C. de S. Ciência técnica e arte: o desafio do conhecimento. In: MINAYO, M. C. de S. Minayo (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. p. 9-29 (Coleção Temas Sociais).

MORTATTI, M. do R. L. **Os sentidos da alfabetização – São Paulo/1876-1994**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2000.

MORTATTI, M. R. L. **Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular**. Caderno CEDES (Cultura escolar: história, práticas e representações), n.5 2, p. 41-54, 2000.

OLIVEIRA, M K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento. Um processo socio-historico**. Sao Paulo: Scipione, 1993.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, Editorial, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. 4ª reimp. São Paulo: Contexto, 2020.

SOLÉ, Isabel; SCHILLING, Cláudia. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porte Alegre: Artes Médicas, 1998.